

A Palavra do Bardo

Alan P. Fear

Tradução de Sandra Sirangelo Maggio

Desde os ricos vales do sudeste de Gales até os cumes rugosos dos montes da Snowdônia, contos folclóricos vêm sendo repassados por tradição oral, de geração em geração, remontando a tempos que precederam a época em que a *Pax Romana* obrigou as tribos celtas a pararem de brigar entre si. Cada uma desses grupamentos britânicos, fossem eles os Silures, Demetae, Ordivices ou Deceangli, tinha no centro de sua cultura a figura do bardo, cuja função era preservar a memória e a identidade da tribo. O bardo contava e recontava a história local cantando em verso a grandeza do seu líder em contraste com a pequenez do chefe inimigo – era assim que se fazia propaganda política naqueles tempos. O bardo recitava de memória as genealogias e a história de cada família enquanto entretinha a todos com mitos e contos populares. Essa tradição bárdica está na raiz de toda a narrativa e ainda persiste, em formatos variados, na literatura dos dias hoje.

No livro *Welsh Folk Tales* (Contos Folclóricos Galeses), Robin Gwyndaf aponta quatro fatores para a vitalidade persistente da narrativa folclórica galesa. O primeiro é a natureza solidária das comunidades, que talvez derive da necessidade de prover pela própria subsistência, pelas formas de entretenimento e pela preservação de sua identidade cultural. O segundo vem do fato de Gales ser composto por comunidades pequenas e próximas umas das outras, o que facilita a transmissão de boas histórias. Em terceiro lugar, uma história bem contada sempre foi uma das principais fontes de entretenimento, especialmente antes da era eletrônica. E, por fim, há sempre a natureza informal das sessões de contação de história. Quando duas ou mais pessoas se encontram, é inevitável que troquem novidades e que troquem histórias. Isso acontece tanto nas ocasiões informais quanto nos encontros de trabalho. (GWYNDAF, 1989, p. 13).

Muitas dessas histórias antigas foram preservadas e hoje chegam a nós através da media escrita, como as coleções de manuscritos medievais *Llyfr Gwyn Rhydderch* (O Livro Branco de Rhydderch) e *Llyfr Coch Hergest* (O Livro Vermelho de Hergest), que datam do século XIV em sua versão escrita, mas são de fato muito mais antigos em seu formato oral. No século XIX Lady Charlotte Guest os traduziu para a língua inglesa num apanhado cujo título é *The Mabinogion*. Ali se encontram algumas das mais antigas referências às lendas Arthurianas. Há também os *Manuscritos Peniarth*, que datam do século XVI e podem ser visitados na Biblioteca Nacional de Gales. Outras histórias chegaram até nós por meios diversos, como é o caso da lenda *Leir of Britain*, contada pelo monge Geoffrey de Monmouth em latim, no século XII, no seu *Historia Regum Britanniae* (História dos Reis Bretões), e que foi mais tarde recontada como o *Rei Lear* por Shakespeare. Outras ainda foram coletadas por folcloristas e publicadas ao longo dos anos em coleções de contos folclóricos que se encontra com tanta facilidade em lojinhas para turistas e centros históricos do País de Gales.

Oito dentre as mais conhecidas dessas histórias foram aqui recontadas, a partir da releitura da coleção *Folk Tales of Wales* [Contos Galeses] compilada por Eirwen Jones em 1947. Procurei me ater à linha do enredo, mas me permiti o prazer de usar e abusar da licença poética para transmitir o recado à minha maneira. Espero não ter exagerado. Pelo menos, acho que não introduzi mostros marinhos, nem vampiros, nem zumbis a ponto de criar “*mash-ups*” pós-modernos. Só me empolguei um pouquinho, aqui e ali, soltando a imaginação e deixando o tom dos contos bem-humorado.

Espero que tenham apreciado o esforço.

Alan Peter Fear
Agosto de 2011.

Referências

- ASH, Russel. *Folklore Myths and Legends of Britain*. Reader's Digest Association, London. 1973.
GWYNDAF, Robin. *Welsh Folk Tales*. National Museum of Wales, Cardiff. 1989.
JONES, Eirwen. *Folk Tales of Wales*. Gomer Press, Llandysul. 1978.

O tradutor e sua visibilidade

Rosalia Neumann Garcia

Em *A Tarefa do Tradutor* Walter Benjamin revela que em uma obra literária há algo de misterioso, poético e indecifrável, que coloca um dilema para qualquer tradutor. Deve esse tradutor ser poeta também para que possa levar a cabo a tradução de uma obra literária? Com essa idéia em mente, Benjamin também se pergunta se seria possível encontrar o tradutor mais adequado para fazer uma tradução específica como leitores de uma obra. O que gostaria de destacar aqui é essa visão do tradutor como leitor, já que para muitos leitores de obras traduzidas, o tradutor é inexistente; jamais é visto como mediador entre a obra fonte e a obra alvo, quanto menos leitor de carne e osso, pertencente a um determinado contexto cultural. Magicamente, aquela obra parece nunca ter tido outra forma a não ser a da língua do leitor. Para Benjamin, apesar de sua preocupação estar mais voltada para a traduzibilidade ou não de um texto, o fato de ele ter tocado na existência do tradutor como leitor da obra original é significativo.

Antoine Berman, outro importante estudioso da arte de tradução, define a tradução como “a prova de estrangeiro”, pois estabelece uma relação entre o que é da própria língua, aquela para a qual a obra foi traduzida, e a obra estrangeira, vinda de um contexto estranho. Essa relação permite que a cultura alvo faça um movimento em direção àquilo que é estranho, se abrindo e permitindo que o estrangeiro penetre o familiar, o próprio. Berman também se refere a um elemento da obra estrangeira que é seu cerne, aquilo que pertence a si mesmo de forma mais próxima, enterrada, mas que também é o mais distante de si mesmo. Ou seja, assim como para Benjamin, para Berman existe algo poético e misterioso, que desafia o tradutor, mas que também desafia o leitor do original. Assim sendo, o que fazer com esse elemento estranho, de difícil acesso e tradução? Berman sugere que se destaque a estranheza do texto, que a língua original se mostre e entre em choque com aquela em que está sendo convertida. De alguma forma,